



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Hezbollah não descarta escalada

NO PRIMEIRO DISCURSO DESDE O INÍCIO DA GUERRA, O XEQUE HASSAN NASRALLAH, LÍDER DA MILÍCIA XIITA, AVISA QUE "TODAS AS OPÇÕES ESTÃO ABERTAS" E EXIGE O FIM DA "AGRESSÃO A GAZA". MÉDICO RELATA BOMBARDEIO A AMBULÂNCIAS

» RODRIGO CRAVEIRO

Às vésperas de completar um mês, o confronto entre as Forças de Defesa de Israel (IDF) e o grupo extremista palestino Hamas tornou a produzir massacres de civis e cenas de horror, enquanto o líder da milícia xiita libanesa Hezbollah, xeque Hassan Nasrallah, não descartou uma "guerra total" no Oriente Médio. A aviação israelense bombardeou um comboio de ambulâncias diante do portão do Al Shifa, o maior hospital de Gaza, deixando 13 mortos. Houve ataques a outros dois hospitais, também na Cidade de Gaza: Al-Quds e Indonésio.

O secretário de Estado americano, Antony Blinken, defendeu, em Tel Aviv, "pausas humanitárias" na ofensiva aérea e terrestre em Gaza. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, rejeitou qualquer suspensão da operação militar e exigiu a libertação de todos os 242 reféns em poder do Hamas.

Em raro discurso, Nasrallah não descartou o espalhamento da violência e responsabilizou as IDF e os Estados Unidos pela guerra em Gaza e pela matança de israelenses nos atentados de 7 de outubro. "A possibilidade de essa frente registrar uma nova escalada ou uma guerra total (...) é realista e pode ocorrer, o inimigo deve se preparar", advertiu, ao afirmar que os ataques do Hamas ao sul de Israel expuseram a "fraqueza" do Estado judeu. "Quem quiser evitar uma guerra regional deve deter rapidamente a agressão em Gaza."

O chefe do Hezbollah não se intimidou com a presença de navios de guerra e porta-aviões norte-americanos no Mar Mediterrâneo. "Eu digo a vocês com toda a sinceridade. Nós nos preparamos bem para suas frotas, com as quais vocês nos ameaçam", declarou o xeque.

"Em nossa frente, todas as opções estão abertas. Nós estudamos todas as opções. Devemos estar prontos para todas as opções que podem ocorrer no futuro", insistiu Nasrallah. Nos últimos dias, o Hezbollah tem travado combates com as IDF na região da Alta Galileia, no

Anwar Amro/AFP



Refugiados palestinos do campo de Burj al-Barajneh assistem ao pronunciamento de Nasrallah, na periferia de Beirute, capital do Líbano



Avihay Shtern, prefeito de Kiryat Shmona, no norte de Israel, a 1,9km da fronteira com o Líbano

Eu acho...

Arquivo pessoal

"Nasrallah é um fantoche do regime iraniano e deveria ser tratado assim. O homem está escondido no subsolo há muitos anos. Ele deveria estar estressado, não nós. Espero que o gabinete de Netanyahu tome as decisões certas e elimine essa ameaça de uma vez por todas, para que o que ocorreu em Gaza não aconteça em escala muito maior no norte, Deus me livre. Confiamos que as Forças de Defesa de Israel (IDF) e o governo tomarão a decisão certa no momento certo, mas exigimos que a ameaça seja removida de uma vez por todas."

extremo norte de Israel, e disparado foguetes. O Exército israelense atingiu dois lançadores antitanque e um posto avançado da milícia xiita apoiada pelo Irã.

Kiryat Shmona, no norte de Israel e a apenas 1,9km da fronteira com o Líbano, convive com o medo de ataques. Na quinta-feira,

foguetes disparados pelo Hamas a partir do território libanês incendiaram carros e lojas e feriram duas pessoas. Em entrevista ao **Correio**, Avihay Shtern, prefeito da cidade desde 2018, disse a ameaça real vem do Irã. "O regime iraniano está no controle das organizações terroristas Hamas e Hezbollah. Nós



Imagem de tevê mostra vítimas de ataque, a poucos metros do Al Shifa

todos vimos os seus crimes cruéis contra a humanidade. Chamá-los de animais seria ofensivo para os bichos. Eles decapitaram bebês e estupraram mulheres e depois os queimaram vivos", disse. "Atos como estes precisam assustar o mundo e não apenas Kiryat Shmona. Hoje é Israel; amanhã, a Europa;

depois, todos os que não têm opiniões radicais como eles."

Segundo Shtern, a proximidade entre Kiryat Shmona e o Líbano faz com que o intervalo entre a sirene antiáerea e o impacto seja de menos de 10 segundos. "Ante a presença das forças do Hezbollah na

fronteira, sabemos que os ataques de 7 de outubro podem se repetir na nossa cidade, com a possibilidade de serem ainda piores. Por isso, Israel deve agir para removê-los da fronteira ou destruí-los. Temos um exército poderoso. Aqueles que precisam ter medo são nossos inimigos, que estão assustados e vivem nos túneis", comentou o prefeito. Antes da guerra em Gaza, Kiryat Shmona tinha 24 mil habitantes; 21 mil foram retirados às pressas. Hoje, são imigrantes hospedados em hotéis à espera de voltar para casa.

Míssil

Às 18h de ontem (meio-dia, em Brasília), a aviação israelense disparou um míssil de cruzeiro diante do portão do Hospital Al Shifa, na Cidade de Gaza, o maior do enclave palestino. "Eles bombardearam, mais uma de uma vez, uma ambulância que se dirigia para o sul, depois de sair de nosso hospital. O veículo, que fazia parte de um comboio, foi atingido mais de uma vez e voltou para Shifa. Ao chegar ao portão, a ambulância foi novamente atacada. Ouvi a explosão e fiquei muito preocupado pelos feridos que estavam sendo transportados e pelos funcionários do Shifa. Foi uma visão horrível. Partes rasgadas de corpos de crianças, mulheres e idosos", contou ao **Correio** Muhammad Abu Salmiya, diretor geral do Hospital Al Shifa. "No local, havia muitos desabrigados, palestinos que se refugiavam em nosso complexo. Pelo menos 13 pessoas morreram e 65 ficaram feridas, incluindo desalojados e o motorista."

Em nota publicada na rede social X, o antigo Twitter, as IDF anunciaram que identificaram uma "célula terrorista" utilizando uma ambulância. "Em resposta, uma aeronave das IDF bombardeou e neutralizou os terroristas do Hamas, que operavam dentro da ambulância. Nós enfatizamos que essa área em Gaza é uma zona de guerra. Os civis são, repetidamente chamados a fugir rumo ao sul para a própria segurança", afirma o texto.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

É pela ONU que os sinos dobram

O mandato do Brasil na presidência do Conselho de Segurança (CS) expirou, na terça-feira, sem que a principal instância das Nações Unidas conseguisse aprovar uma resolução sobre o conflito em Gaza entre Israel e o movimento palestino Hamas. A paralisia e a impotência da ONU diante de um drama humano que se desenrola ao vivo e em cores diante dos olhos da comunidade internacional expressa, em tons berrantes, um desafio de sobrevivência para o sistema multilateral estabelecido ao fim da Segunda Guerra Mundial, em meados do século 20.

É precisamente o modelo adotado em 1945 que se encontra em

xeque. A estrutura em que o Conselho de Segurança é o organismo habilitado a adotar resoluções compulsórias para os países-membros guarda em si uma armadilha: o poder de veto. Ainda que a maioria dos 15 integrantes do CS aprove um projeto de resolução, o voto contrário de um único entre os cinco membros permanentes — EUA, Reino Unido, França, Rússia e China — é o bastante para que o texto se torne folha morta.

Ao longo da Guerra Fria, esse mecanismo assegurou, na prática, que nenhuma medida de força fosse tomada sem o consenso entre as potências, em especial entre as EUA e a hoje

extinta União Soviética. A mesma lógica impediu, agora, que fracassassem diferentes iniciativas com o objetivo de obter uma cessação das hostilidades, ainda que temporária, para permitir a entrada de ajuda humanitária e a saída de civis palestinos e de outras nacionalidades, em ritmo satisfatório.

Os primeiros e os últimos

O desequilíbrio na hierarquia das relações internacionais pode ser medido pelo andamento da "fila" de cidadãos estrangeiros retidos no sul da Faixa de Gaza, sob o impacto de bombardeios e do bloqueio imposto ao território por Israel. Apenas nos últimos dias, ao fim de três semanas de conflito, foi possível abrir para eles a passagem pelo posto de Rafah, rumo ao Egito.

Afora civis palestinos feridos, puderam sair de Gaza algumas

centenas de estrangeiros. Principalmente, cidadãos dos EUA e do Reino Unido, dois membros permanentes do Conselho de Segurança que usaram do poder de veto para derrubar projetos de resolução sobre a crise. O Brasil, que na posição de presidente temporário do organismo fez sérias tentativas de mediar um consenso, segue esperando vaga para retirar da zona de combate um número relativamente baixo — na casa de 30 — de cidadãos.

"Eu" ou "nós"

Ao longo deste mês, o jogo de xadrez no CS segue tendo, agora, a China ocupando a presidência. Considerando as disputas com os EUA no tabuleiro geopolítico, a expectativa é pelo tom e pelo rumo que o regime comunista de Pequim buscará imprimir na agenda do organismo.

Mais do que uma queda de braço entre potências rivais, o

que está e estará em jogo é a opção entre o multilateralismo, que inspirou a criação da ONU, e o unilateralismo, que vigorou até a Primeira Guerra (1914-1918) e sepultou a Liga das Nações no período entre-guerras.

Nos últimos dias, a Casa Branca anunciou que negociava, na posição (autoatribuída) de mediadora, acordos para uma "pausa" nos combates e para a retirada de civis e a entrada de ajuda em Gaza. De imediato, o prêmio de Israel, descartou a ideia de suspender, ainda que por prazo limitado, suas operações militares. Benjamin Netanyahu vem de receber para conversações o chefe da diplomacia norte-americana, o secretário de Estado Antony Blinken.

Amizade descolorida

Pelo menos três vizinhos sul-americanos fizeram revisões de importância nas relações com

Israel. A Bolívia anunciou a suspensão dos laços diplomáticos. Colômbia e Chile chamaram de volta os respectivos embaixadores — medida um grau abaixo, na gravidade, mas sinal claro de desagrado, na coreografia que pauta a política externa.

O Itamaraty, até este ponto, não sinaliza em direção semelhante, inclusive em nome da determinação de jogar um papel na costura de possíveis acordos. No fim do primeiro período presidencial, em 2010, dias antes de passar a faixa para Dilma Rousseff, no fim de 2010, Lula anunciou o reconhecimento da Autoridade Nacional Palestina como entidade estatal com soberania nas fronteiras anteriores à guerra árabe-israelense de 1967. Na ocasião, o gesto puxou a fila para que vários vizinhos seguissem o passo.

Passados 13 anos, de volta ao Planalto, e em meio ao conflito em Gaza, o presidente parece adotar uma postura de maior prudência.